



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A memória como objeto de estudo em três autores clássicos franceses:

Émile Durkheim, Henri Bergson e Maurice Halbwachs

Por Luis Afonso Salturi¹ (lasalturi@yahoo.com.br)

Resumo

Este artigo discute sobre a temática da memória no domínio da Sociologia, especialmente a produção sociológica clássica francesa. O artigo tem início com a análise da produção científica do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) e segue analisando as obras de outros dois autores clássicos, o filósofo Henri Bergson (1859-1941) e o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945). As análises apresentadas tomam como base as obras: *Sociologia e filosofia*, *Matéria e memória* e *A memória coletiva*. O artigo aponta para a importância teórica das obras desses autores para o desenvolvimento de um vocabulário sobre a memória.

Palavras-chave: memória social; estudos mnemônicos; filosofia e memória.

Resumo

Ĉi tio artikolo diskutas pri la temo de memoro en la kampo de Sociologio, speciale, la franca klasika sociologa produktado. La artikolo komencas per analizo de la scienco produktado de la Sociologio de Émile Durkheim (1858-1917) kaj ĝi daŭrigas por analizi la verkojn de du aliaj klasikaj aŭtoroj, la filozofo Henri Bergson (1859-1941) kaj la sociologo Maurice Halbwachs (1877-1945). La analizo prezentita konstruis sur la verkoj: "Sociologio kaj filozofio",

1. É doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, graduado e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. É docente de Sociologia do Direito e Sociologia Geral na Fundação de Estudos Sociais do Paraná – FESP/ PR, leciona Antropologia, Sociologia, Fundamentos Filosóficos da Educação, Fundamentos Socioantropológicos da Educação e Sociologia das Organizações na Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras – FACEL – Curitiba/ PR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

"Materio kaj memoro" kaj "Kolektiva memoro". La artikolo montras por la teora graveco de la verkoj de ĉi tiujn aŭtorojn por la disvolviĝo de vortprovizo pri la memoro.

Ŝlosilvortoj: *socia memoro; mnemonikaj studoj; filozofio kaj memoro.*

Abstract

*This article discusses the theme of memory in the field of sociology, especially the classic French sociological production. The article begins with the analysis of scientific production of the sociologist Émile Durkheim (1858-1917) and follows analyzing the works of two other classical authors, the philosopher Henri Bergson (1859-1941) and the sociologist Maurice Halbwachs (1877-1945). The analyses presented are premised on three books: *Sociology and Philosophy, Matter and Memory and The Collective Memory*. The article points to the theoretical importance of the works of these authors for the development of the vocabulary about memory.*

Key-words: *social memory; mnemonics studies, philosophy and memory.*

Introdução

No que se refere à produção científica que trata sobre a memória na área da Sociologia, o sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) foi o primeiro a demarcar o conceito de memória social, ao discutir acerca das representações. Porém, o vocabulário mnemônico foi desenvolvido a partir de estudos de outros autores franceses. Dentre eles, merecem destaque o filósofo Henri Bergson (1859-1941) e o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), este aluno de ambos e um dos cientistas sociais mais importantes da Escola Sociológica Francesa.

Émile Durkheim, Henri Bergson e Maurice Halbwachs deixaram sua marca no pensamento social do período compreendido entre o fim do século XIX e as primeiras



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

décadas do século XIX. Neste sentido, o presente artigo toma como objeto de estudo as principais ideias desses autores em torno da questão da memória, tendo como suporte três obras clássicas, sendo elas, respectivamente: *Sociologia e filosofia*, *Matéria e memória* e *A memória coletiva*. Busca-se, portanto, apresentar as principais contribuições que o conjunto desses estudos trouxe para a teoria sociológica.

I. Representações em Émile Durkheim

Émile Durkheim é um dos grandes teóricos da Sociologia e o fundador da Escola Sociológica Francesa. Seu maior empreendimento foi emancipar a Sociologia de outras teorias sobre a sociedade e constituí-la como uma disciplina rigorosamente científica. Em *Da divisão do trabalho social* (1893), sua tese de doutorado, o autor já enunciava alguns conceitos sociológicos, como o de consciência coletiva, que demarca certa relação com a memória. Nessa obra, o autor acusa a existência de duas consciências em cada indivíduo, a coletiva e individual. A primeira predomina e o indivíduo a compartilha com o grupo, a segunda é peculiar ao indivíduo. À medida que a sociedade se torna mais complexa, a divisão de trabalho e as conseqüentes diferenças entre os indivíduos conduzem a uma crescente independência de consciência (DURKHEIM, 2004).

Um dos primeiros escritos sobre a memória apareceria três anos depois, num artigo escrito por Émile Durkheim e publicado, em 1898, na *Revue de Métaphysique et Morale*. Esse texto foi publicado posteriormente na obra *Sociologia e filosofia*, com o título *Representações individuais e representações coletivas*. Nele, Durkheim (1994) aborda algumas questões referentes à lembrança e à memória, que contribuem para a compreensão das diferenças entre os dois tipos de representações que o autor distingue: individuais e coletivas. No desenvolvimento do estudo, além de estabelecer o interesse e o objeto da Sociologia e da Psicologia em relação às representações, o autor comenta



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobre os erros da teoria epifenomenista, discursando sobre o que seria “a associação de ideias por semelhança”, antes de abordar as representações psíquicas e sociais propriamente ditas.

Durkheim ressalta a importância do uso da analogia, enquanto procedimento metodológico, na análise de uma lei estabelecida para determinar ou qualquer ordem de fatos. Segundo o autor, tal verificação serviria não só para confirmar uma lei, mas também para uma melhor compreensão dos seus alcances, já que considera a analogia uma forma legítima de comparação e o único meio prático para tornar as coisas inteligíveis. Ao utilizar a analogia em suas análises, Durkheim percebe a proximidade entre as leis sociológicas e as leis psicológicas, pois ambas tratam de objetos relativamente próximos. E, além disso, o autor tenta mostrar a independência relativa entre a Sociologia e a Psicologia. A partir daí, o autor ressalta a importância das representações, isto porque tanto “a vida coletiva” quanto “a vida mental” do indivíduo estaria construída por representações. Portanto, é admissível que as representações individuais e as representações sociais sejam comparáveis.

Durkheim lança uma crítica aos sociólogos biólogos por empregarem mal a analogia em suas pesquisas, ao tentarem controlar as leis da Sociologia pelas da Biologia e inferirem as primeiras das segundas. O autor critica também as teorias que reduzem a consciência a um epifenômeno da vida física, especificamente a concepção psicológica de Huxley e de Maudsley. Segundo Durkheim (1994, p. 12-15), a consciência não possui a inércia que se tenta atribuir-lhe. Dê-se à consciência o nome que se queira dar, deve-se levar em conta que a mesma possui características sem as quais não seria representável. A partir do momento em que a observação descobre a existência de uma categoria de fenômenos chamados representações, que se distinguem dos fenômenos da natureza pelas suas características particulares, torna-se contrário a todo método tratá-los como se não existissem. Portanto, não se deve considerar a vida



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como um epifenômeno da matéria bruta.

O sociólogo francês chama a atenção para o fato de que é comum reduzir a memória a um simples fato orgânico e que isso não acontece somente com a escola psicofisiológica. O autor comenta que, para o psicólogo e filósofo León Dumont (1837-1877), uma lembrança é resultado da combinação de dois elementos: uma maneira de ser do organismo e uma força complementar proveniente de fora. E para o psicólogo e filósofo William James (1842-1910), o fenômeno da memória não seria um fato de ordem mental, mas sim um fenômeno psíquico puro, um estado morfológico que consistiria na presença de certas vias de condução dentro dos tecidos cerebrais.

Durkheim contesta algumas questões levantadas pelo epifenomenismo, teoria segundo a qual a consciência se acrescenta aos fenômenos fisiológicos, sem os influenciar. Para o mesmo, é preciso escolher em que acreditar, no epifenomenismo ou na existência de uma memória verdadeiramente mental, pois, o que governa o ser humano não são as poucas ideias que ocupam sua atenção no momento presente, mas os resíduos deixados pela sua vida anterior, ou seja, tudo aquilo que constituiria seu “caráter moral”. O autor coloca uma série de questões para demonstrar que a ligação mental é muito mais que um eco da ligação física. Nessa empreitada, afirma que “... se a memória é exclusivamente uma propriedade dos tecidos, então a vida mental é nada, precisamente porque ela é nada fora da memória” (DURKHEIM, 1994, p. 20). Durkheim demonstra que a memória não é exclusivamente um atributo nervoso, pois as ideias não podem evocar-se mutuamente e a ordem na qual reaparecem não pode reproduzir senão aquela em que são reexercitados seus antecedentes físicos. Tal reexercício não pode ser causado por outros fatores que não puramente físicos. Dessa maneira, tal conceito está em contradição com os fatos na medida em que toma a vida psíquica como uma aparência sem realidade.

Segundo Durkheim (1994, p. 23-27), duas ideias semelhantes são diferentes



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesmo nos pontos nos quais coincidem, pois os elementos considerados comuns nelas, o são separadamente em uma e outra. Por isso, é preciso ter cuidado para não se confundir ao compará-los. Não se pode reduzir a semelhança à contiguidade, sem desconhecer a sua natureza e sem formular hipóteses, simultaneamente fisiológicas e psicológicas, que nada justifiquem. Portanto, não se pode reduzir a memória mental à memória física, pois a mesma não é um fato puramente físico, suscetível de ser conservado pelas representações como tais. A proposta do autor para escapar à psicologia epifenomenista é não apenas admitir que as representações fossem suscetíveis de persistir na qualidade de representações, mas, além disso, que a existência das associações de ideias por semelhança evidencia esta persistência.

De acordo com o pensamento durkheimiano, em cada indivíduo se produz uma multiplicidade de fenômenos, que são psíquicos, sem que sejam apreendidos. Diz-se que são psíquicos porque se manifestam exteriormente por meio de atributos próprios da atividade mental, pelas hesitações, pelos titubeios, pela adequação dos movimentos em direção a um fim preconcebido. Durkheim também trata dos sistemas que existem fora do indivíduo e que funcionam independentemente. Mesmo sem citar sua obra *As regras do método sociológico* (1895), o autor toma a mesma como referência, quando afirma que os fatos sociais consistem em maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores aos indivíduos, e que têm como marca um poder coercitivo que a eles se impõe. Desse modo, mesmo que o indivíduo tente se opor a uma destas manifestações coletivas, os sentimentos se voltam contra ele (DURKHEIM, 2005).

Diante disso, para Durkheim, a palavra “social” só teria sentido sob a condição de designar fenômenos que não se enquadrassem nas categorias dos fatos já existentes, constituídos e nomeados. Caberia à Sociologia a tarefa de englobar esse grupo de fenômenos. O autor alerta que, se todos os fatos fossem “sociais”, a Sociologia não teria objeto próprio, sendo o domínio desta confundido com aqueles das demais ciências. Neste caso, fica nítida não só a delimitação do objeto científico da Sociologia,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como também o da Psicologia, bem como o distanciamento da primeira com relação à segunda. O autor argumenta, numa passagem do texto: “... quando dissemos em outro lugar que os fatos sociais são, de certa forma, independentes dos indivíduos, e exteriores às consciências individuais, não fizemos mais que afirmar, para o reino do social, aquilo que afirmamos para o reino psíquico” (DURKHEIM, 1994, p. 41).

Durkheim trata as representações sociais como “realidades”, sendo que o surgimento destas se dá a partir das relações que se estabelecem, entre os indivíduos combinados e, também, entre os grupos secundários, que se interpõem entre o indivíduo e a sociedade total. As representações coletivas são exteriores às consciências individuais porque não provêm dos indivíduos tomados isoladamente, mas em seu conjunto, pois “não pode existir vida representativa a não ser no todo formado pela reunião de elementos nervosos, do mesmo modo que a vida coletiva não existe a não ser no todo formado pela reunião de indivíduos” (DURKHEIM, 1994, p. 45).

II. A memória em Henri Bergson

Em *Matéria e memória*, obra originalmente publicada em 1896, Bergson (1999) trata sobre a passagem entre a realidade externa (a matéria) e a interna (o espírito), definindo o modo de olhar essa “matéria”, para em seguida tirar consequências desse olhar. O seu objeto de análise se concentra no problema da relação do espírito com o corpo. Ao afirmar a realidade do espírito e da matéria, o autor procura determinar a relação entre elas sobre a memória. Ao longo da obra, Bergson se contrapõe às duas concepções da matéria que, segundo o mesmo, trazem grandes dificuldades para uma formulação teórica. A “concepção idealista”, que reduz a matéria à representação e a “concepção realista”, que a reduz a uma coisa. Para o autor, a matéria é mais do que representação e menos do que uma coisa, ela é um conjunto de imagens, entendendo-se por imagem uma existência que se encontra entre “a coisa” e a “representação”. O autor faz uma distinção entre o corpo e o espírito penetrando no mecanismo de sua união,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contrariando o idealismo e o materialismo e a redução do espírito à matéria, ao propor e reafirmar a ideia de que o cérebro não explica o espírito. Dois princípios serviram de fio condutor para a análise bergsoniana: um deles é de que a análise psicológica deve, a todo o momento, pautar-se sobre o caráter utilitário das funções mentais voltadas essencialmente para a ação. O outro é de que os hábitos contraídos na ação, transpostos à esfera da especulação, criam aí problemas fictícios, e é a metafísica quem deve dissipar tais “obscuridades artificiais”.

No pensamento bergsoniano, o objeto que está diante do homem existe independente da consciência que o percebe, pois aquilo que é percebido é “bem diferente do objeto”. Ao ignorar as discussões filosóficas, Bergson adota o ponto de vista do senso comum, pois, para este, o objeto existe em si mesmo tal como é percebido, sendo uma imagem que existe em si mesma. Conforme Bergson (1999, p. 11-17), as imagens agem e reagem umas sobre as outras segundo leis constantes. O corpo, que também é uma imagem, prevalece sobre as outras porque é conhecido de dentro. Ele fornece um modelo para enxergar o universo, que é concebido como “um conjunto de imagens”. O corpo, como um centro de ação, é uma imagem que atua como outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, mas escolhendo o modo como faz isso. O corpo não poderia fazer surgir uma representação porque ele é um objeto destinado a mover objetos, estes refletem a ação possível do corpo sobre eles, como faz um espelho.

A partir dessa ideia de como ocorre a apreensão do mundo exterior com a interioridade humana, Bergson trata sobre o significado da memória: “A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela” (BERGSON, 1999, p. 77). A percepção é o interesse especulativo, o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento puro. Ela está impregnada de lembranças e exige o esforço da memória, pois “aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1999, p. 30). Os atos de percepção e lembrança penetram-se, a lembrança é o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria, ela não se faz presente se não a partir de alguma percepção onde se insere.

Segundo Bergson (1999, p. 84-89), o passado se mantém em mecanismos motores e em lembranças independentes. Existem duas formas de memória. Uma delas é a memória como representação, que registra sob a forma de imagens-lembranças todos os acontecimentos cotidianos conforme se desenvolvem, atribuindo o lugar e a data de cada detalhe e cada fato, armazenando assim o passado pelo simples efeito de necessidade natural. A outra é a memória voltada para ação, que se assenta no presente e considera apenas o futuro. Ela retém movimentos coordenados do passado que representam o esforço acumulado, reencontrando os esforços passados na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os mecanismos atuais se efetuam.

O autor também estabelece as diferenças entre os dois tipos de lembranças: a espontânea e a aprendida. A lembrança espontânea é perfeita e conserva para a memória seu lugar e sua data, o tempo não pode acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la, é a memória por excelência. Ao contrário, a lembrança aprendida torna-se cada vez mais impessoal e estranha ao passado vivido, retira-se do tempo conforme a lição for mais bem apreendida. A maioria das lembranças tem por objeto os acontecimentos e detalhes da vida humana que não se reproduzem mais. O registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração. Pela utilidade das lembranças aprendidas, repara-se mais nestas. A repetição tem como papel utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a lembrança espontânea se desenvolve, organizando esses movimentos entre si. Esses movimentos, ao se repetirem, criam um mecanismo e adquirem a condição de hábito do corpo, determinando atitudes



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que acompanham automaticamente a percepção humana das coisas.

O reconhecimento é o ato concreto a partir do qual o passado é recuperado no presente. Reconhecer é associar a uma percepção presente as imagens de outrora em contiguidade com ela. A percepção presente busca, no fundo da memória, a lembrança da percepção anterior que se assemelha. Segundo Bergson (1999, p. 155-156), a percepção não é um simples contato do espírito com o objeto presente, porque ela está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem participa da lembrança pura que ela começa a materializar, e da percepção na qual tende a se encarnar. A lembrança pura, certamente independente, não se manifesta normalmente a não ser na imagem colorida e viva que revela. Para Bergson (1999, p. 247-259), a memória solidifica em qualidades sensíveis o escoamento contínuo das coisas, prolongando o passado no presente, porque a ação humana irá dispor do futuro conforme a percepção tiver condensado o passado. Dessa maneira, a memória pode ser entendida como uma síntese do passado e do presente com vistas no futuro, na medida em que ela condensa os momentos da matéria para servir-se dela e para se manifestar por ações.

III. A memória coletiva em Maurice Halbwachs

Em *A memória coletiva*, obra póstuma publicada em 1950, Halbwachs (2004) aborda as características da memória, dialogando com a filosofia bergsoniana. O autor ressalta a força dos diferentes pontos de referência que estruturam a memória individual e que a inserem na memória coletiva, estabelecendo diferenças entre esta e a memória individual, a memória histórica, o tempo e o espaço. O autor inicia a obra comentando sobre o processo de reconstrução de um quadro de lembranças de um indivíduo sobre um evento qualquer. Segundo o autor, um conjunto de lembranças de um evento é reconstruído por um indivíduo pela busca do passado reproduzido a partir de imagens.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quando isso ocorre, o indivíduo recorre primeiramente a si mesmo como testemunha, mas quando precisa fortalecer debilitar ou até mesmo completar o que sabe, apela para outrem, na tentativa de poder dar sequência a certos indícios. Desse modo, no processo de reconstrução das lembranças, as lacunas são preenchidas com a ajuda de dados emprestados do presente e preparadas por reconstruções realizadas em épocas anteriores, quando a imagem já se manifesta alterada.

A impressão do indivíduo, apoiada sobre a lembrança de outrem, faz com que a confiança na exatidão da evocação seja maior. As lembranças individuais permanecem coletivas pois, muitas vezes, são lembradas pelos outros, sendo estes testemunhas. Isso se explica porque, conforme o autor “... nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2004, p. 30). Portanto, a influência dos outros estaria baseada em diferentes pontos de vista, na medida em que o indivíduo, nas relações sociais, entra em contato com modos de pensar aos quais não teria chegado sozinho.

A memória coletiva se manifesta no momento em que o indivíduo faz parte do mesmo grupo que as testemunhas, pensa em comum sob determinados aspectos, permanece em contato com o grupo, continua capaz de se identificar com o mesmo e confunde seu passado com o do grupo. A partir desse ponto de vista, pode-se entender a afirmação do autor de que: “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam. Esquecer uma língua estrangeira é não estar mais em condições de compreender aqueles que se dirigiam a nós nessa língua, ainda que fossem pessoas vivas e presentes, ou autores cujas obras liamos” (HALBWACHS, 2004, p. 37).

O autor comenta sobre como são as lembranças das crianças e no que estas se diferenciam em relação às lembranças dos adultos. Para Halbwachs (2004, p. 42-50), o fato de uma pessoa não conseguir lembrar fatos do início da sua infância se explicaria



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

porque esta ainda não era um “ente social”. A criança se lembraria dos acontecimentos a partir do quadro em que se situa a família e os acontecimentos que giram em torno dela, fornecendo imagens que assimilariam o passado, estas funcionariam como pontos de referência do passado. Tais pontos de referência também estariam presentes na memória de um grupo, porém, nesta se destacariam acontecimentos e experiências comuns à maior parte dos seus membros, passando àquelas que concernem a um pequeno número para último plano.

Ao falar sobre a lembrança individual como limite das interferências coletivas, Halbwachs (2004, p. 51-56) afirma que a reconstrução de lembranças pela memória individual é elaborada a partir do quadro das lembranças individuais antigas, estas se adaptariam ao conjunto das percepções atuais. Então, cada indivíduo seria um “eco”, na medida em que, no resgate de seu passado, precisaria do depoimento dos outros, pois estes trariam dados ou noções comuns que ajudariam na reconstrução dessa lembrança individual. Muitas vezes, esses dados ou noções comuns dos outros se confundiriam com os do próprio indivíduo em questão, vindo a estabelecer a memória coletiva. Portanto, é necessário diferenciar duas espécies de memória: individual e coletiva. O indivíduo participaria de ambas, porém, na participação de uma ou de outra adotaria atitudes diversas e até contrárias. Cada memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, este mudaria segundo o lugar que ali o indivíduo ocupa, podendo tal lugar também mudar conforme as relações que o indivíduo mantém com diferentes meios.

As memórias individual e coletiva penetram-se constantemente. Para confirmar determinadas lembranças e cobrir certas lacunas, a memória individual pode se apoiar sobre a coletiva, deslocar-se nela e confundir-se momentaneamente com ela, mas nem por isso ela deixa de seguir seu próprio caminho. Isto porque a contribuição exterior é assimilada e incorporada progressivamente a sua substância. Por outro lado, a memória



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

A partir da diferenciação entre memória individual e memória coletiva, o autor comenta sobre a relação que esta estabelece com a memória histórica. Para o mesmo, a história se assemelharia “... a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 2004, p. 59). Assim, a História poderia ser definida como uma coletânea dos fatos que ocupariam o maior espaço na memória dos homens. Isto porque geralmente ela começa no ponto onde acaba a tradição, momento quando a memória social se apaga ou se decompõe. Enquanto uma lembrança subsistir, é inútil fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade ou de uma pessoa desperta apenas quando estes já estão extremamente distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar testemunhas que dela conservem alguma lembrança.

IV. Considerações finais

Na tentativa de estabelecer pontos em comum entre os três autores abordados e seus respectivos trabalhos, pode-se considerar, primeiramente, que suas obras têm como marca a tentativa de rompimento com algumas concepções positivistas vigentes entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Mesmo que parte de suas análises tome seus termos e seus conceitos de ciências estranhas ao seu objeto, pois é marcante a influência das ciências naturais e a crítica em relação às mesmas nesses escritos, é importante não deixar de ressaltar o esforço e o pioneirismo desses estudos, tanto na construção de um novo vocabulário sobre os processos mnemônicos, quanto nas abordagens adotadas.

Do mesmo modo como tratou dos fatos sociais, ao tomar as representações coletivas como objeto de estudo, Durkheim as define como exteriores às consciências individuais. Isto porque, segundo o autor, elas não provêm dos indivíduos tomados



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

isoladamente, mas do seu conjunto. Nesse contexto, o autor procurou mostrar que reduzir a memória mental a uma simples memória física, no plano do coletivo, corresponderia a reduzir as representações sociais às representações coletivas. Nesse ponto, intencionalmente ou não, Durkheim acaba destacando a importância da Sociologia, naquela ocasião uma ciência recente e que teria como objeto de estudo essa nova forma de conhecimento, a qual enfatiza.

Bergson, assim como Durkheim, contesta as reduções naturalistas. Em sua filosofia, definida como “evolucionismo espiritualista”, se encontra a fusão de temas do espiritualismo antigo, como os de Santo Agostinho, e os da tradição introspectivo-espiritualista francesa, como os de Descartes e de Pascal. Esse referencial temático se encontra presente em *Matéria e memória*, obra na qual procura captar claramente a distinção entre o corpo e o espírito, penetrando no mecanismo de sua união. Nesse empreendimento, o autor contraria correntes filosóficas como o idealismo e o materialismo, bem como a redução do espírito à matéria, reafirmando a ideia de que o cérebro não explica o espírito.

Por sua vez, Halbwachs, partindo de um modelo durkheimiano, retoma e desenvolve a demonstração do caráter simbólico da memória, dialogando com a filosofia de Bergson. Na tradição metodológica durkheimiana é possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo. Porém, tal abordagem enfatiza a força quase institucional da memória coletiva. Longe de ver nessa memória coletiva uma forma de imposição, Halbwachs acentua as funções positivas realizadas pela memória comum. Nota-se que se impõem dois parâmetros no seu trabalho. Um deles é o da oposição entre psicológico e o social, inseparável do modelo positivista e durkheimiano do individual versus coletivo. Outro é o da associação da memória às questões do tempo e da história. Contudo, Halbwachs soube encaminhar a análise sociológica da memória enquanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

meio de construção de identidades, por oposição tanto ao positivismo quanto ao espiritualismo bergsoniano.

Referências

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.*

São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico.* São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. ***Da divisão do trabalho social.*** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. ***Sociologia e filosofia.*** São Paulo: Ícone, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.